



PRIMEIRO REINO DA EUROPA

Galiza foi o primeiro reino da Europa. Assim de claro é José Dias Cadaveira no artigo das páginas interiores deste suplemento, no qual se debruça sobre o reino estabelecido polos suevos nas terras da antiga Gallaecia. Em opinión do noso colaborador, se esta questom surpreende é apenas fruto do desconhecimento, conseqüência dos “evidentes critérios ideológicos emanados da historiografía española, negadora da nosa história e ocultadora dos nosos direitos como povo”.

CRIAÇOM

Vozes novas para o número 100. Lara Dopazo ganhou em 2008 o prémio Gz Crea com o livro de poemas *Dende Illa Peixe*. Desde aquela, fizo umha cheia de cousas interessantes, como ir viver a México D.F., onde os invernos som como os daqui e às sete da tarde já é noite.

CARLOS VELO

Segunda parte do artigo de Xurxo Chirro sobre a obra *Galicia*, do cineasta galego Carlos Velo, encontrada há relativamente pouco num arquivo de Moscovo. Esta nova entrega analisa os 13 minutos da fita do artista de Cartelhe, boa parte dos quais já eram conhecidos, aclara, sendo o resto material ainda inédito.

A GALIZA NATURAL

Os invasores das antípodas

João Aveledo

Contam que, em 1860, um missionário beneditino, o tudense Frei Rosendo Salvado, trouxe de um remoto país dos Mares do Sul sementes de umas árvores até então desconhecidas na Nossa Terra. Em poucos anos, estas árvores de crescimento rápido e porte majestoso enfeitavam com o seu exotismo jardins de paços e casas senhoriais. Na altura, também foram justamente louvadas as virtudes medicinais atribuídas às suas folhas.

Século e meio depois, os eucaliptos têm-se convertido numa monocultura em amplas zonas costeiras, demonstrando uma excelente adaptação às condições climáticas e edáficas da Galiza atlântica.

Árvores controversas, empobrecem os solos, reduzem a biodiversidade e favorecem a propagação dos incêndios devido à sua natureza pirófila... mas ninguém pode negar que têm proporcionado importantes rendas às fracas econo-

mias de subsistência das zonas rurais. Agora, pragas como a do gorgulho desfolhador *Gonipterus scutellatus* e um excesso de oferta nos mercados internacionais estão a arruinar este negócio do “ouro verde”.

Várias são as espécies de eucaliptos presentes no nosso país, mas a predominante continua a ser o eucalipto-comum (*Eucalyptus globulus*), a de maior rentabilidade. A sua madeira destina-se fundamentalmente ao fabrico de pasta de papel nas celuloses de Ponte Vedra e Návía. Ultimamente, também se planta muito *E. nitens*, mais resistente ao gorgulho e às geadas.

Em Chavim, nas ribeiras do Landro, existe um eucaliptal centenário, o Souto da Retorta, onde podemos contemplar exemplares gigantescos que nalguns casos se aproximam aos oitenta metros de altura. Foi declarado Monumento Natural. Não nos parece mal... e até sonhamos que um dia, aqui, o eucalipto seja protegido como espécie em perigo de extinção.



No Souto da Retorta podemos contemplar exemplares gigantescos que nalguns casos se aproximam aos oitenta metros de altura

Várias são as espécies de eucaliptos presentes no nosso país, mas a predominante continua a ser o eucalipto-comum (*Eucalyptus globulus*), a de maior rentabilidade

Ultimamente, também se planta muito *E. nitens*, mais resistente ao gorgulho e às geadas

Em Chavim existe um eucaliptal centenário, o Souto da Retorta, onde podemos contemplar exemplares gigantescos que nalguns casos se aproximam aos oitenta metros de altura

Foi declarado Monumento Natural. Não nos parece mal... e até sonhamos que um dia, aqui, o eucalipto seja protegido como espécie em perigo de extinção



EM TEMPOS

1600 ANOS DA FUNDAÇÃO DO REINO SUEVO

Galiza, 410-2010, primeiro reino da Europa

José Dias Cadaveira

Este 2010 que vem de acabar nom será recordado, desgraçadamente, pola maioria d@s galeg@s como o ano em que se completárom mil e seiscentos anos do estabelecimento do primeiro reino da Europa após o império romano, no recanto noroeste da Península Ibérica. No entanto, as pessoas menos novas lembrarám a celebraçom em 1987 dos mil anos da Catalunha

Para umha naçom necessitada de auto-estima e conhecimento da nossa verdadeira história, para combater o auto-ódio e as mentiras e tergiversaçoms da história inventada nos últimos dous séculos polo espanholismo, este é um capítulo fulcral como fulcral é na conformaçom da nossa personalidade histórica e o nascimento de Galiza como entidade política.

Da comissom de memória histórica da Gentalha do Pichel nom quigemos deixar acabar o ano passado sem levar adiante duas modestas iniciativas que fôrom a realizaçom dumha palestra com dous historiadores como Anselmo López Carreira e Franjo Padim e a ediçom dum tríptico, e já neste ano a ediçom dum crachá com a bandeira do reino suevo.

E portanto queremos parabenizar efusivamente as outras iniciativas de que temos conhecimento. A primeira foi a realizaçom do Congresso Internacional 1600 anos do Reino de Galiza (<http://reinosuevodegalicia.org>) e a outra o caderno editado polo Fesga (<http://www.fesga.org/?p=1137>)

A bandeira do reino suevo

A questom da bandeira é singularmente importante ao tratarmos o reino suevo da Galiza, porque fornece capital simbólico a umha naçom cuja indigência neste aspecto é gritante. Reparemos, já agora, na origem da nossa atual bandeira nacional. O próprio Castelao sentiu esta carência e fijo o seu contributo que com bom critério toda “a família nacionalista” assume. Levando em conta que outras bandeiras históricas nos fôrom literalmente roubadas (o suposto reino de Leom) ou som inapropriadas (o escudo oficial), com certeza nom deveríamos deixar de incorporar ao nosso imaginário um símbolo desta etapa histórica decisiva.

A descriçom desta recriaçom procede dum documento de 1669 do cabido da cathedral de Lugo à Junta Geral do Reino de Galiza, citado em 1927 por Pérez Constanti no seu livro “Notas Viejas Galicianas”. A reaçom dos detratores é simplesmente de riscar a cita de “apócrifa” e fechar assim a questom. Ainda há quem questiona a exatidom da própria recriaçom, que se o Leom é como o de tal bandeira e o dragom como o de tal outra. Bom, numha recriaçom há que se ajustar às leis da heráldica, na qual estes símbolos já estão mais ou menos estandardizados.

Também se aduz que as bandeiras nom existiam como hoje as concebemos. Mas sim existiam diversos símbolos já entre os celtas que portavam figuras de javali, os signifer e aquilifer romanos, os vexila em geral, etc... e o dragom em forma de manga foi um símbolo muito habitual no baixo império, adotado polos povos germânicos que estavam em contato com ele, e o leom era conhecido também como símbolo.

Mas ainda fica umha evidência em que quase nem se tem reparado na Galiza, que é o escudo da cidade de Coimbra (por acaso a capital do reino suevo), que evoca

um enfrentamento entre os alanos do rei Ataces e os suevos de Hermerico, que depois de grande carnificina se teria resolvido com o casamento da princesa sueva e o rei dos alanos, encenada simbolicamente polo leom dos alanos e o dragom dos suevos que figuram no brasom da cidade. A primeira vez que foi escrita esta lenda foi em 1580, com o que a cita de Perez Constanti nom é apócrifa e o documento de 1669 tem raízes anteriores.

A socializaçom da bandeira sueva como mais um símbolo nacional galego, ao igual que o arrano beltza em Euskal Herria, o Kroaz Du na Bretanha ou o Leom da Escócia, é umha outra bandeira com que enriquecer a nossa simbologia nacional.

Galiza, naçom europeia

O espanholismo, acolhendo-se à crónica do bispo Idácio, um magnata-galaico romano pouco imparcial como historiador, nom deixa de salientar as resistências

A questom da bandeira é singularmente importante ao tratarmos o reino suevo da Galiza, porque fornece capital simbólico a umha naçom cuja indigência neste aspecto é gritante. Reparemos, já agora, na origem da nossa atual bandeira nacional. O próprio Castelao sentiu esta carência e fijo o seu contributo que com bom critério toda “a família nacionalista” assume. Levando em conta que outras bandeiras históricas nos fôrom literalmente roubadas (o suposto reino de Leom) ou som inapropriadas (o escudo oficial), com certeza nom deveríamos deixar de incorporar ao nosso imaginário um símbolo desta etapa histórica decisiva

que se encontrárom os suevos para tornar efetivo o controlo da Gallaecia, como se tivéssemos que nos admirar das dificuldades que pode ter um contingente reduzido de invasores para alterar as estruturas de poder tecidas em quatro séculos de romanizaçom. Como se passou na Gália com os francos, na Britânia com os anglo-saxons, na Hispânia com os visigodos, etc... Ainda fica por assinalar que a vigência do reino suevo independente, 174 anos, é maior do que o período em que passou a ser anexado como província polo reino visigodo de Toledo, 126 anos, até ao fim deste.

Também é neste período que ocorre um outro episódio interessante, a migraçom de britons ao norte da Galiza, com o afamado bispo Maeloc. Um contingente menor do que originou a naçom bretá na península armórica.

Aproveitando a imprecissom da efeméride, pois muitos autores a situam em 411, é tempo de continuarmos a aprofundar no conhecimento e difusom desta etapa histórica e a sua reivindicaçom como acontece com outras menos afastadas no tempo.



Dragom e Leom rampantes no centro do escudo da cidade portuguesa de Coimbra



CIGARRROM

Mari Vega

Ateigada de milhares de imagens espetaculares, da festa tradicional, do Entrudo de Verim 2011, foi-me muito difícil seleccionar umha. Mas cuido que a escolha desta foto é acertada, já que fai umha revelaçom digna de gabar. A mulher, percorrendo as ruas de Verim ataviada com a típica máscara, o Cigarrom, prática impensável nom há muitos anos... Oxalá este feito sirva de semente e germole!

CRIAÇOM

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de contido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número achegamos um texto literário para

gozarmos das nossas letras, num projecto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Lara Dopazo tem nome próprio nas nossas letras desde que em 2008 ganhou o prémio Gz Crea com o livro de poemas *Dende Illa Peixe*. Agora envia-nos desde o México este poema para celebrar conosco o número 100. E que venham mais 100!



janeiro à noite

por Lara Dopazo Ruibal

a necessidade do um. do dois. do três
a necessidade do outro

agora sou eu e em todo momento
é agora. nego-me a possibilidade de evoluir
agora nasço, agora vivo
agora morro. sempre é o mesmo agora

agora tento sorrir e agora escrevo
agora sou eu e fora já é
noite e vai frio e nisso
consiste todo presente possível. tudo condensado
na palavra "agora", que ademais é grave

como o jeito grave de quem tem que
dar más notícias: senhorita, aqui não pode
ou pior [tirar fotos]
senhorita, é você nova de mais para compreender
e todas essas coisas

a sabedoria como a liberdade
ou, que dizer, a escola grega do cinismo
ou que diógenes vivia num barril

mudamos de cor co sol
pela amanhã e pela noite não somos os mesmos
talvez porque precisamos
do ar viciado da cidade, da asfixia

de como se compõe o espaço nesta

sorte de natureza morta

a rapariga de pele escura fita para nós com [olhos grandes]
porque ainda lhe custa entender a língua que [falamos]

canta beleza há nesta composição
como entra o vento pelas fendas e não vai frio

se dividíssemos o corpo até o infinito
ninguém sabe que passaria
poderias partir as vísceras em metades iguais [e depois]
retratá-las como quem debulha uma montanha [sobre a tela?]

desde o cimo mais alto da cidade
assim te sonhei
vermelho, rodeado de pintura com a tua camisa [branca de verão]
afinando a posição dos óculos e sabendo que
nada há mais importante que topar a perspectiva [adequada]

na cidade as pessoas fão isso
depois comem nos postos da rua e o cheiro
inunda o ar inteiro. não é possível fugir

se houvesse mar
afogarias na imensidade dos sumidouros

porque sabes que há nenos que vivem neles
ou a cor verde que fala de todas as cartas que se [perderam]
sem que o remetente soubesse

no meio da floresta havia uma casa
que tu própria ajudaras a construir e nela
vivia a mulher do jérsei de quadros e botas de chuva
no inverno, todas as botas de chuva semelham [ser iguais]

o meu nome é música nas tuas mãos
e eu sou palavra nos olhos de todos e cada um deles
sou adjetivo feminino singular, ou cor ou forma
sou sotaque e ar
barcos de papel e sol

quando os peixes cruzam a fronteira faz-se
noite e falamos coa boca cheia
mas tive que me injetar várias vezes
antes de chegar aqui
tive que tomar remédios de velho e assinar
algumas sentenças de morte que resultaram ser [falsas]
algumas cartas de adeus

para desenhar as margens dos continentes não é [preciso saber de geografia]

mas quando vaia, quando volte à casa

a água que pende das janelas já estará fria
e nela colheitaremos sementes de cores
(porque na casa sempre foi tudo branco: o chão era [branco]
e o leite era branco e até nós próprias éramos [brancas])

mas se procuras no fundo das gavetas hás
encontrar algumas fotografias de quando nevava
na praia e as baleias dormiam boca arriba
que formosos postais poderíamos ter feito
dessas imagens. que formosos poemas

depois o único que fica por fazer um domingo pela [tarde é passear]
e tomar café com mulheres com bigode e
chapéu que andam à procura de pólas que deem
pra fazer um cajado vintage com punho de cisne
ou de corno de cabra

e se sair o sol e refletir na tua pele
e nos teus olhos rabunhados na cara
então poderemos ir para casa e hibernar
dormir o sono dos sete mares e
no enquanto, imaginar que podemos rubir pelo céu
como no circo
e comer maçãs tão azedas que doam nos dentes

(são as sete de janeiro e já é noite)



LÍNGUA NACIONAL

Cem vezes zen

Valentim R. Fagim

O budismo é umha tradição espiritual, do ponto de vista teológico, mui simples: a dor existe e tem umhas causas. Até aqui nada de espetacular, a dizer verdade.

Umha das causas tem a ver com a identificação. Por exemplo: eu sou a língua galega.

Portanto, qualquer ataque à língua galega é um ataque a MIM.

A identificação é umha das maiores responsáveis pola dor. Identificamo-nos com o país, com a associação, o partido, o clube de futebol, o género... E como os caminhos de rosas nom existem, mordem-nos os

espinhos.

A chave, difícil de encontrar sem dúvida, é um equilíbrio entre a paixão que nos movimenta e a identificação que nos magoa. O meu desejo para o NOVAS neste seu número cem é que continue a ser um projeto zen, de todas e de ninguém.



CAMPA AUDIOVISUAL

Ficções sobre a 'Galicia' de Velo (II)

Xurxo Chirro

Após conhecer o que foi até agora a "Galicia", de Carlos Velo, imos analisar os 13 minutos de filme encontrado num arquivo de Moscovo. Se na primeira parte deste artigo, avisávamos da fabulação que se formou sobre este feito fílmico e sobre as novas inconsistentes do que aconteceu com o devir deste filme, agora convém avisar de que, a pesar de estar baseado em algo tangível (as imagens descobertas), o texto que se segue nom é quem de erradicar (em todo o caso, aumenta-o) o estado de dúvida.

Começamos pois analisando o filme fornecido pelos russos. Nele podemos observar como há material conhecido, isto é, que saem numerosos planos - quase 1/3 desta metragem - já están na versão de 8 minutos que já é conhecida na atualidade. No entanto, o restante é material novo onde se veem cenas dumha feira (entendendo-se como soma de mercado e festa), imagens de natureza, sobretudo de rio e imagens da Galiza marinheira. Estas imagens nom têm nenhuma montagem nem ordem apesar de que se veem certas sucessões de planos, certas sequências autónomas e certa estrutura global com blocos, chamemos-lhe, temáticos.

Depois desta taxonomia, vemos que o primeiro que contradiz as fontes oficiais é o tema da estrutura do filme, concretamente a que referia que "Galicia" estava composta à maneira dum



díptico em que confluíam a Galiza rural e a marinheira (centrando-se na Costa da Morte). Este binómio vinha reforçado polo primeiro título que foi pensado para o filme: "Finisterrae". Este título foi mudando quando foi projectado em Paris e descobriu que já havia um filme francês homónimo de Jean Epstein de 1929. As suposições alimentadas eram que o binómio funcionava dumha maneira analítica e macroestrutural possibilitado polo condutismo da voz em over desenhada por Mantilla. Longe da realidade.

Chegados a este ponto, vou contribuir para fazer mais grande o saco das hipóteses. Ao meu

entender, a "Galicia" era um filme concebido para ser umha sentida e orgânica panorâmica sobre o território e que "deveu" ser depurada na montagem pola sintaxe política de Mantilla. Segundo contemplamos, nestas imagens existem três partes bastante destacáveis: CAMPO-FEIRA-MAR. Cabe perguntar-se como seria a montagem mas, com certeza, seria muito mais "pausado". Ao melhor, seria muito arriscar dizer que "Galicia" fora concebida para ir sem voz em off, mas as novas imagens permitem articular um discurso fiável, descritivo e lírico ao mesmo tempo, do que era a Galiza. Talvez a minha óptica esteja contaminada por

narrativas contemporâneas, mas as imagens encontradas possuem autonomia e um alto valor significativo.

Tendo em conta esta mais-valia, pode ser estabelecida umha hipótese, que nom desmerece das existentes, de como podiam estar montado estes fragmentos. O filme começaria com umhas imagens das montanhas, dos campos de trigo e de milho, colheitas, malhas, vida na aldeia e transporte de mercadorias em carros. Estes produtos agrícolas seriam o elemento condutor para chegar à feira, com que se abriria um outro bloco. No mercado há variedade de produtos, aos do campo há

que somar cerâmica, aparelhos de lavoura, gado... Isto acontece numha vila que aproveita o acontecimento para celebrar umha festa, com atracções para nenos, postos de venda e, sobretudo, música. Neste ponto, aparece um gaitero amenizando o ato (imagem que aparece no filme de Shub), mas a peculiaridade desta imagem é que aparece com umha serie de fundidos dumha maneira muito semelhante ao acordeom que aparece em "Stachka" (A greve, 1924) de S. M. Enseinstein. As imagens servem para ligar o gaitero com a natureza, com a imagem dum rio que, tendo em conta os planos, continua a medrar, até que desemboca no mar. E a partir daqui entramos nas rias para ver a vida dos marinheiros das suas ribeiras. Para finalizar, imagens dumha falésia.

Este teórico patrom é muito mais frutífero se o alimentamos com a identificação dos cenários. É reconhecido Cartelhe como a aldeia do rural, a foz do rio Minho, as rias de Arouça e Ponte-Vedra, e Celeiro e Ortegá, podem ser as últimas imagens do mar. Tendo em conta estes dados, vemos como há um desejo de mostrar a variedade da Galiza recorrendo a planos contemplativos e descritivos de alto valor significativo que poderiam fornecer ao resultado final umha visom polifónica e altamente moderna.

Deixaremos para umha última entrega certos fios que ficam ainda suspensos que redimensionam as hipóteses até ao infinito.